

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

HENRIQUE GERKEN BRASIL

Aproximações entre Manoel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior: análise da correspondência entre dois intérpretes do Brasil

Connections between Manoel Correia de Andrade and Caio Prado Júnior: analysis of the correspondence between two interpreters of Brazil

São Paulo

Ano 2025

HENRIQUE GERKEN BRASIL

Aproximações entre Manoel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior: análise da correspondência entre dois intérpretes do Brasil

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Manoel Fernandes de Sousa Neto

São Paulo

Ano 2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B823a Brasil, Henrique Gerken
Aproximações entre Manoel Correia de Andrade e
Caio Prado Júnior: análise da correspondência entre
dois intérpretes do Brasil / Henrique Gerken Brasil;
orientador Manoel Fernandes de Sousa Neto - São
Paulo, 2025.
46 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Manuel Correia de Andrade. 2. Caio Prado
Júnior. 3. Correspondências. I. Fernandes de Sousa
Neto, Manoel, orient. II. Título.

BRASIL, Henrique Gerken. **Aproximações entre Manoel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior**: análise da correspondência entre dois intérpretes do Brasil. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico, como sempre, a meu tio Max, que mesmo de longe sempre estará vivo na minha memória, e ao meu professor Cláudio, que de uma forma ou de outra, me trouxe à Geografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Juliana, minha companheira em tudo, que desde que nos conhecemos, me guia nessa loucura que é a vida.

Agradeço imensamente ao meu professor e orientador Manoel, pelo apoio, pelo suporte e pelas palavras de incentivo. Sem ele, sinceramente não sei se teria chegado ao fim da minha jornada acadêmico-geográfica.

E por último, um especial agradecimento ao meu ex-aluno Felipe Ibanez, que foi fundamental neste trabalho ao me ajudar na digitalização das cartas do acervo do IEB.

RESUMO

BRASIL, Henrique Gerken. **Aproximações entre Manoel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior**: análise da correspondência entre dois intérpretes do Brasil. 2024. XX f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

Resumo em português. O presente trabalho propõe-se a estudar a relação de Manoel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior, da década de 1940 a 1980, por meio da análise da correspondência entre os dois intelectuais. Essa análise, por meio da metodologia epistolar e revisão bibliográfica, pretende trazer à tona a construção da relação dos dois intelectuais, que são próximos tanto nas suas próprias formações quanto na construção de seus pensamentos e ideias. As fontes primárias deste trabalho são as correspondências autógrafas de Manoel Correia de Andrade enviadas a Caio Prado Júnior, presentes no Acervo Caio Prado Júnior, sob cuidados do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB/USP. As cartas correspondentes, de Caio Prado Júnior, ainda estão sendo catalogadas no Acervo Manoel Correia de Andrade, também sob cuidados do IEB/USP. Documentos secundários são biografias e entrevistas sobre os intelectuais pernambucano e paulista. Com o cotejamento desses documentos, pôde-se observar a construção da relação entre os dois e a influência mútua na produção intelectual de ambos.

Palavras-chave: Manuel Correia de Andrade. Caio Prado Júnior. Correspondências.

ABSTRACT

BRASIL, Henrique Gerken. **Connections between Manoel Correia de Andrade and Caio Prado Júnior**: analysis of the correspondence between two interpreters of Brazil. 2024. XX f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

This study aims to examine the relationship between Manoel Correia de Andrade and Caio Prado Júnior from the 1940s to the 1980s through an analysis of their correspondence. Utilizing epistolary methodology and literature review, this analysis seeks to uncover the development of their relationship, characterized by their similar backgrounds and the construction of their thoughts and ideas. The primary sources for this study are the handwritten letters from Manoel Correia de Andrade to Caio Prado Júnior, located in the Caio Prado Júnior Collection at the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo – IEB/USP. Corresponding letters from Caio Prado Júnior are currently being cataloged in the Manoel Correia de Andrade Collection, also under the care of IEB/USP. Secondary documents include biographies and interviews about these intellectuals from Pernambuco and São Paulo. By juxtaposing these sources, the study observes the evolution of their relationship and their mutual influence on their intellectual production.

Keywords: Manuel Correia de Andrade. Caio Prado Júnior. Correspondence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGB - Associação de Geógrafos do Brasil
ANL - Aliança Nacional Libertadora
CEHIBRA - Centro de Documentação e Estudos de História Brasileira
CNRS - Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França
FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco
GEPA - Grupo Executivo de Produção de Alimentos
IEB - Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo
PCB - Partido Comunista Brasileiro
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO BIOGRÁFICA DE MANUEL CORREIA E CAIO PRADO	13
2.1. Manuel Correia de Andrade	13
2.2. Caio Prado Júnior	17
3. ANÁLISE DAS CORRESPONDÊNCIAS	20
3.1. A relação entre os dois intelectuais	20
3.2. As correspondências	21
4. CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A – Relação das correspondências consultadas	29
ANEXO A – Transcrição das Correspondências	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a estudar a relação intelectual entre os intérpretes do Brasil Manuel Correia de Andrade (1922-2007) e Caio Prado Júnior (1907-1990), a partir de fontes primárias, quais sejam, as correspondências trocadas entre os mesmos, entre 1945 e 1982, e do cotejamento com outros documentos, como entrevistas, teses e bibliografia. De forma mais estrita, a pesquisa se concentra principalmente na formação de Manuel Correia de Andrade, em razão das fontes primárias serem essencialmente as cartas que este enviou ao Caio Prado Júnior e que se encontram no Acervo Caio Prado Júnior, sob os cuidados do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

A relação entre ambos os intelectuais é apenas uma das várias que podemos analisar dentro das relações entre os chamados intérpretes do Brasil no século XX. Esta relação em específico chama a atenção por alguns motivos, quais sejam, a diferença de 15 anos entre eles, mas não apenas: a similaridade na origem e formação de ambos; o marxismo como ferramenta de análise. Por fim, a análise da relação de ambos ocorre, na bibliografia, quase sempre numa perspectiva na qual Caio Prado Jr. surge como uma referência maior, uma influência fundamental, aparecendo Manuel Correia invariavelmente na sombra de seu colega paulista.

Nesse sentido, em um primeiro momento, o trabalho traz uma contextualização biográfica e histórica de ambos os autores, algo que contribui para o entendimento da relação entre eles, uma vez que, apesar da diferença de idade e de origens distantes geograficamente, ambos são nascidos de oligarquias regionais, têm formação acadêmica similares – ambos formados em Direito nas faculdades-irmãs de Recife e São Paulo, posteriormente formados em História e Geografia –, são militantes comunistas, e foram atuantes na consolidação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Em seguida, a partir da análise das correspondências de Manuel a Caio Prado – que foram transcritas a partir das digitalizações das mesmas, empreendidas no Arquivo do IEB – e da revisão bibliográfica, principalmente sobre as biografias disponíveis sobre os autores, é possível traçar um quadro da relação entre os autores, notadamente a partir da visão de Manuel Correia de Andrade. Não é difícil, ao contrário, verificar a posição de mestre que Manuel coloca a Caio Prado, algo que é falado nas entrevistas e em depoimentos de terceiros. Porém, na perspectiva da bibliografia de Caio Prado Júnior, nota-se pouca a presença de Manuel em sua carreira, algo que pode ser contraposto pela análise das cartas.

Por fim, apresenta-se no anexo a organização da digitalização e transcrição das cartas, que só foi possível ser feita pelo incrível trabalho de organização e manutenção do Acervo de Caio Prado Júnior empreendido pelo IEB/USP. Em breve, o Acervo de Manuel Correia de Andrade, que também está sob os cuidados do Arquivo do IEB/USP, deverá ser disponibilizado para consulta, permitindo a continuidade deste trabalho.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO BIOGRÁFICA DE MANUEL CORREIA E CAIO PRADO

2.1. Manuel Correia de Andrade

Manuel Correia de Andrade foi um intelectual prolífico, com centenas de obras publicadas, ao longo de uma carreira de advogado, professor secundarista, pesquisador, professor universitário e administrador público. Com uma formação universitária ampla, não há exagero em dizer que foi um polímata, pois transitou com excelência por diversas áreas das Ciências Sociais.

Conforme Santiago (2022) observou, por conta da longa produção e atividade, o pensamento de Manuel Correia pode ser estudado e analisado como um reflexo do próprio desenvolvimento do pensamento geográfico brasileiro; em outra perspectiva, conforme Amoroso e Iumatti (2015) apontam, a construção de seu pensamento pode ser também visto no crescimento da sua enorme biblioteca pessoal, que ao fim da sua vida contava com mais de 45 mil volumes, sem contar documentos e cartas.

Ainda segundo Santiago (2022), Manuel Correia produziu mais de 600 títulos, ao longo de 64 anos de produção escrita (de 1943 a 2007, quando faleceu). Suas obras refletem sua carreira passando por diversas áreas, como Geografia Econômica, História, Ensino e Pesquisa, Meio Ambiente, Sociologia e Política, Antropologia, entre outros.

Manuel Correia de Andrade nasceu em 3 de agosto de 1922, no engenho Jundiá, no atual município de Vicência, no Estado de Pernambuco. Foi o terceiro filho de nove irmãos (6 mulheres e 3 homens). Ambas suas famílias, paterna e materna, eram ligadas à produção de açúcar. O próprio Manuel diz que foi um menino de engenho, nascido numa casa-grande do século XIX - um engenho comprado pelo seu avô paterno. Nesse sentido, quando criança, vivenciou as relações próprias desse espaço, dos donos de engenho com os criados e seus filhos - algo que Manuel não deixa de apontar quando perguntado sobre sua criação. Seus primeiros estudos foram no próprio engenho, com um ex-padre atuando como professor, e logo em seguida, com uma professora particular na cidade de Vicência.

Em 1933, Manuel passou a ser aluno interno do Colégio Pedro Augusto, em Recife, onde passaria 5 anos. Interessante notar que era uma escola leiga - Manuel nota que, apesar de seu pai ser conservador, tinha traços progressistas, começando pelo fato de ser agnóstico; sua mãe, ao contrário, era católica. Manuel Correia tinha certa proximidade com a fé católica até os 15 anos, quando "escolheu os livros à religião". No Colégio Pedro Augusto, Manuel teria o primeiro contato com bons professores de História e Geografia, o que, segundo ele, foram grandes influências.

Em 1939, Manuel entra em um curso complementar, voltado especialmente para a preparação do vestibular de Direito - seu pai e seu avô foram bacharéis. O chamado curso pré-jurídico mostrou-se para Manuel um curso introdutório de ciências sociais, com professores de boa formação universitária e carga de leitura exigente, em francês e espanhol. Depois de dois anos, ele ingressaria no curso de Direito da Faculdade de Recife, onde estudou de 1941 a 1945.

Porém, como o próprio Manuel diria, seu sonho era cursar Ciências Sociais - talvez influenciado pelas leituras de Gilberto Freyre -, curso que ainda não existia em Pernambuco. Problema cuja solução foi parcialmente sanada pela criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, em abril de 1943. Era o início da primeira instituição superior católica da Região Norte e Nordeste, por iniciativa de padres jesuítas, e se tornaria posteriormente a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Segundo Manuel, houve a oferta do curso de Sociologia, porém não houve demanda suficiente para a abertura do curso. A saída foi juntar os vestibulandos de Sociologia, História e Geografia para combinar o mínimo de dez alunos, e então a primeira turma de História e Geografia da dita Faculdade foi criada.

Desse modo, a partir do 3o ano do curso de Direito, Manuel passa a cursar concomitantemente o curso de História e Geografia na faculdade jesuíta. Nesse sentido, a formação em Ciências Sociais de Manuel foi ampla, uma vez que no curso de Direito estudava tanto Filosofia quanto Economia e Política - obviamente, além das disciplinas jurídicas, das quais a área de Direito Público era a que mais lhe chamava a atenção -, e na Faculdade de Filosofia estudava tanto História e Geografia quanto Antropologia - e, ao final deste curso, ainda fez um ano de Licenciatura. Curioso notar que o curso de Direito lhe formou também na leitura de esquerda, principalmente Marx e Engels, por meio de um professor integralista que exigia a leitura marxiana para poder criticá-la com autoridade. E a biblioteca da Faculdade de Direito tinha tais livros, mesmo numa época de anticomunismo.

Assim, Manuel se formou em ambos os cursos em dezembro de 1945, com alguns dias de diferença. Imediatamente, passou a atuar no Direito trabalhista, em defesa de Sindicatos de trabalhadores, como da Indústria de Pedras de Jaboaão, dos Ferroviários, da Indústria de Papel e Papelão. Porém, após 5 anos, fechou o escritório, apesar de nunca ter deixado de ser advogado - ou seja, não deixou de ser filiado à Ordem dos Advogados do Brasil. Manuel dizia que não tinha vocação para a advocacia, o que não era incomum para boa parte dos formandos em Direito nessa época. Apesar de ter se dedicado ao Direito Trabalhista, e vencido algumas causas, Manuel relata não ter interesse na advocacia. Ao mesmo tempo que advogava, além de lecionar, também iniciava pesquisas históricas, estimulado pela leitura de *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Jr. Ao invés de ficar em seu escritório, Manuel ficava na Biblioteca Pública, procurando fontes primárias sobre revoluções regenciais.

No Brasil, desde o Império, a Faculdade de Direito era um caminho natural para a maioria da elite brasileira, que buscava no diploma de bacharel o status inerente à classe. Boa

parte dos bacharéis no Brasil, por muito tempo e ainda no tempo de Manuel, tornavam-se funcionários públicos, grande parte da burocracia brasileira, regional e nacional, ou entravam para a política. Manuel não desejava voltar para o engenho - de certa forma refazendo o caminho do pai e avô -, ou se tornar burocrata, e tampouco entrar para a política; apesar de militante já a partir da faculdade, ele entende que o caminho da política fora fechado por sua escolha à esquerda.

Manuel, em entrevista a Paulo Iumatti, em 2003, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, ainda conta como quase tomou o caminho do funcionalismo público. Ao se formar, recebeu uma viagem de seu pai para São Paulo. Diz ele que tinha a intenção de ser promotor no Estado de São Paulo, e com uma carta de apresentação de um tio, encontrou-se com Assis Chateaubriand, talvez a pessoa mais influente do país à época, dono de um império da comunicação, e, também, bacharel em Direito pela Faculdade de Recife. Chatô - como era conhecido - o levou então para encontrar nada menos do que o interventor do Estado de São Paulo, Macedo Soares. Como em São Paulo o cargo de promotor já era acessado apenas por concurso - diferentemente de outros Estados à época - Macedo Soares ofereceu-lhe um cargo de delegado no interior de São Paulo. Manuel agradeceu e negou, pois entendia que como militante seria uma contradição.

Esta viagem a São Paulo, ao menos, funcionou para que Manuel e Caio Prado Jr. se encontrassem pela primeira vez, por meio de um amigo em comum, José Tavares de Miranda. Caio Prado Jr. o recebeu amistosamente, lembrando da carta que recebeu de Manuel, a qual tivemos acesso e posteriormente analisaremos. A amizade pessoal de ambos, duradoura, começa neste ponto, em 1945. Entretanto, cabe notar que ambas estas famílias, de oligarcas do açúcar e do café, tiveram contatos anteriores, já no império. João Alfredo Correia de Oliveira, primo do avô de Manuel, conhecido por ter sido o presidente do Conselho de Ministros do Gabinete da Abolição, antes fora presidente da Província de São Paulo, em 1885. Nessa ocasião, se aproximou de Antônio da Silva Prado, tio-avô de Caio Prado Jr. Apesar de divergências políticas, João Alfredo casou uma sobrinha a um membro da família Prado. Eventualmente, Caio Prado chegou a levar Manuel para conhecer os descendentes dessa união em uma fazenda em São Paulo.

Paralelamente ao seu trabalho na advocacia, Manuel também trabalhava como professor de História e Geografia para Ensino Médio em diversas escolas particulares de Recife. Em 1952, portanto com 30 anos, logo após desistir da carreira de advogado, Manuel inicia sua caminhada como professor universitário, na posição de professor assistente em Geografia Física no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1958, assume, ainda como assistente, a vaga de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas. Quatro anos depois, é transferido para a Faculdade de Economia, e logo assumiria como catedrático, em 1966.

Em 1975, retorna para o Departamento de Geografia, onde permanece até a aposentadoria, em 1985. Em ambas as faculdades, implanta cursos de mestrado. Ainda, Manuel encontrava tempo para também trabalhar na Universidade Católica de Pernambuco, onde se formou em História e Geografia. Ele foi convidado, em 1953, para lecionar História do Brasil e Geografia Regional, nos cursos noturnos.

Manuel Correia, ainda na década de 1960, encontra tempo para atuar no serviço público, a convite de Miguel Arraes, então governador de Pernambuco, eleito em 1962. Arraes, em seu governo à esquerda, preocupado com o trabalhador rural, entre outras medidas, criou o Grupo Executivo de Produção de Alimentos (GEPA), com o objetivo de facilitar o empréstimo rural do Banco do Brasil a pequenos produtores. Segundo Manuel, indicado como superintendente, ao invés de esperar a iniciativa do agricultor em buscar o empréstimo, o GEPA ia às zonas de pequena produção e negociava empréstimos.

No breve período de funcionamento, entre março de 1963 e março de 1964, o GEPA conseguiu incrementar em 80% o número e valor de empréstimos a pequenos produtores, além de coordenar assistência agrícola por meio da Secretaria de Agricultura. O golpe de 1964 acabou com a experiência do GEPA e por conta dessa ligação com Miguel Arraes, Manuel foi preso pelo regime militar, liberado após 3 meses de regime domiciliar e depois de inquérito, sem perder seus cargos docentes.

Logo após sua liberação, Manuel reativa uma proposta francesa de estágio na França, por meio de Pierre Monbeig, então diretor do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) francês. Monbeig utilizou de contatos diplomáticos para pedir uma licença do governo brasileiro para Manuel, o que acabou ocorrendo. Assim, Manuel ficou por um ano na França, com bolsa e recebendo seu salário de professor, e teve oportunidade de aprofundar estudos e pesquisas, como na área de planejamento e desenvolvimento regional, especialmente sobre a teoria de “polos de desenvolvimento” e o “aménagement du territoire”.

Além de Monbeig, Pierre George, Jacques Boudeville, François Perroux e outros professores do Departamento de Geografia o receberam bem. Ainda, teve contato com Josué de Castro, à época mais um exilado brasileiro na França. Além dos estudos, também foi convidado a ministrar diversas palestras, na França e em Israel, sobre reforma agrária no Brasil e na região semi-árida. Foi a partir dessas experiências que Manuel escreveu dois livros, em 1967, sobre economia regional e desenvolvimento regional.

A partir de 1965, passou a ser o chefe do departamento de Geografia, permanecendo até 1974, quando se afastou do ensino privado. Após sua aposentadoria da UFPE, passa a dirigir o Centro de Documentação e Estudos de História Brasileira (CEHIBRA) da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), a pedido de Gilberto Freyre. Conforme Thaís Correia, a atuação de Manuel no CEHIBRA ocorreu por meio de pesquisas, organização de palestras e seminários, nacionais e internacionais, sobre diversos temas, desenvolvidos em torno da interdisciplinaridade das

Ciências Sociais (CORREIA, 2018, p. 226). Manuel ficou na direção do CEHIBRA entre 1984 e 2003, período no qual ainda se dedicou a escrever artigos e livros.

Em 2004, Manuel Correia assumiu a direção da Cátedra Gilberto Freyre, criada em 1998 na UFPE. Apesar de ser um espaço dedicado ao estudo das obras de Freyre, também era um espaço para organização de palestras, conferências, seminários e cursos, e nesse sentido, Manuel pôde dar continuidade às pesquisas que havia iniciado quando à frente do CEHIBRA, inclusive mantendo a característica interdisciplinar, presente também na obra de Freyre. Manuel trabalhou nessa cátedra até 2007, ano de sua morte.

2.2. Caio Prado Júnior

Antonio Candido, no já famoso prefácio a *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, estabelece a tríade de intelectuais fundamentais para a interpretação do Brasil: além do próprio Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Nesse sentido, Caio Prado é um intelectual, ainda hoje, incontornável para compreender e discutir o Brasil. Sua vida e obra já foram contadas e recontadas por diversas biografias e livros, e nos interessa aqui um breve resumo de sua vida, para que possamos posteriormente traçar pontos em comum com a trajetória de Manoel Correia de Andrade.

Caio Prado Júnior nasceu em 11 de fevereiro de 1907, em São Paulo, no bairro de Higienópolis, de tradicionais famílias da oligarquia paulista. A família Prado, por parte de pai, fez fortuna, desde o século XVIII, por meio do comércio de açúcar, de café e de renda de imóveis, entre outros; a família Penteado, por parte de mãe, também fez fortuna, pelo comércio de sacos de juta para o café, com a produção e exportação de café e com a indústria, sem contar também com renda de imóveis.

A família Prado, além da fortuna advinda do café, também participava da política brasileira desde o Império. Na República, seu tio-avô Antônio Prado foi prefeito de São Paulo por 12 anos, de 1899 a 1911, e seu primo Antônio Prado Júnior, prefeito do Rio de Janeiro (1926-1930), e seu tio Fábio Prado, prefeito de São Paulo (1934-1938), além de outros parentes vereadores e deputados. Outro tio-avô conhecido era Eduardo Prado, ferrenho monarquista, que, ao invés de partir para a vida política ou de negócios, gastava o dinheiro da família em viagens à Europa, e escreveu o livro “*A Ilusão Americana*”, criticando a ideia de os Estados Unidos serem um modelo a ser seguido; um *bon vivant*, mas um bom intelectual. Ainda, outro primo, Paulo Prado, na mesma situação de Eduardo, escreveu um polêmico ensaio sobre o Brasil: “*Retrato do Brasil: um ensaio sobre a tristeza brasileira*”. (IGLESIAS, p. 9)

Nesse sentido, Caio Prado, nascido em meio a uma família de vastas posses, pode usufruir de excelente educação e criação. Iniciou estudos em casa, em seguida estudou no tradicional Colégio São Luís, sendo excelente aluno, interessado no estudo de diversas matérias;

lia muito, escrevia bem, aprendeu línguas estrangeiras. Ele pode conviver com a elite de São Paulo, nos diversos locais de sociabilidade tanto da capital quanto do interior, em clubes e fazendas, no Brasil e no exterior. Com 15 anos, testemunhou a Semana Modernista de 1922, que inclusive foi parcialmente financiada por um primo de seu pai.

Dois anos depois, em 1924, ingressou na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco, local onde boa parte da elite burocrática brasileira estudou, desde o Império. Em 1929, já formado, casou-se pela primeira vez. A essa altura, já estava testando o campo da política, caminho traçado por vários de seus familiares. Junto ao pai, participou da fundação do Partido Democrático, de caráter liberal e crítico da Primeira República, que caminhava para seu fim. A entrada para a política neste momento não é surpresa - além do fato de ser comum na sua família -, pois a Faculdade de Direito atraía para si todo tipo de discussão política, e a década de 20 foi extremamente conturbada: um regime político decadente, o Tenentismo de 1922 trazendo a crítica pesada ao governo, e a consequente Revolução de 1924 com certeza foram combustíveis para um jovem intelectualmente inquieto.

Caio Prado participou da campanha eleitoral da Aliança Liberal e de Getúlio Vargas em 1930, mas logo se afastaria. Ele entraria nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1931, quando o Partido ainda era pequeno - fundado em 1922 -, sem muita reverberação na sociedade. Segundo Secco, o PCB ainda nem contava com literatura marxista, dada a perseguição aos membros e a dificuldade de se obter cópias de livros marxistas. No entanto, Caio Prado provavelmente iniciou suas leituras em 1932, com uma edição em francês d'O Capital. (SECCO, p. 35)

Em 1934, Caio Prado escreveu "Evolução política do Brasil", um ensaio de interpretação do Brasil utilizando a análise marxista. No mesmo ano, ele sentaria nas cadeiras do Departamento de Geografia e História, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da então recém fundada Universidade de São Paulo. Como os primeiros professores universitários da USP eram de uma comitiva francesa de famosos intelectuais, Caio Prado teve acesso direto a professores como Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines e Claude Lévi-Strauss, entre outros. Além disso, participou da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB).

Ainda sobre sua participação no PCB, Caio Prado foi um militante comunista por inteiro, concorreu e foi eleito deputado estadual em 1947, vice-presidente da Aliança Nacional Libertadora (ANL), escreveu artigos no jornal partidário, apesar de sua origem burguesa. Ele mesmo diria que era vista como "secundário" no partido por conta de suas opiniões e análises sobre o Brasil. (SECCO, p. 46).

Muito por conta de sua militância, participando de eventos, comícios, reuniões, discutindo o socialismo, comunismo e Revolução Russa, em 1935, após a malfadada "Intentona Comunista", Caio Prado foi preso no Rio Grande do Sul. Ficou preso em São Paulo, até 1937, e reafirmou à Polícia seus princípios socialistas. Quando liberado, em 1937, exilou-se na França,

com a mulher e dois filhos, e lá ficou por 2 anos, frequentando a Universidade de Sorbonne e sua biblioteca. Voltando ao Brasil, fundou a Editora Brasiliense e mais tarde a Revista Brasiliense (1955), que funcionou até o golpe de 1964.

Na década de 40, Caio Prado publicou duas de suas obras mais importantes, “Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia” (1942), e “História Econômica do Brasil”(1945). Passaria a se dedicar a conferências, entrevistas e publicações, suas e de outros autores preocupados com a interpretação do Brasil e de influência marxista, mas não só. Como afirma Manuel Correia de Andrade, em um ensaio sobre Caio Prado Júnior, este não usou sua posição, sua fortuna e a Editora Brasiliense como mero negócio, mas sim como um canal de publicação das suas ideias, um apoio a jovens estudiosos e um local de debate dos problemas do país. (D’INCAO, p. 355)

O golpe de 1964 não só fechou permanentemente a Revista Brasiliense, mas também recolocou a perseguição política, o exílio e a prisão de volta à vida de Caio Prado. Em 1968, teve cassado seu título de livre-docente, obtido pela Faculdade de Direito da USP, em 1954. Naquele ano, iria prestar concurso público para docente, a fim de substituir Sérgio Buarque de Holanda no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Em 1969, logo após o AI-5, parte para um breve exílio no Chile. Quando voltou, em 1970, seria preso, com base em uma entrevista de alguns anos antes a uma revista discente, na qual discorreu sobre a possibilidade de uma luta armada no Brasil. Foi solto em 1971, após absolvição em julgamento. (PERICÁS, p. 213)

Após essa última prisão, Caio Prado recolhe-se, lentamente sai de cena, e dedica-se às suas obras, reedições, participa de conferências, entrevistas e cursos. Caio Prado Júnior faleceu em 1990, aos 88 anos.

3. ANÁLISE DAS CORRESPONDÊNCIAS

3.1. A relação entre os dois intelectuais

Antes mesmo do encontro entre Manuel Correia e Caio Prado, é muito interessante observar que suas famílias já haviam se encontrado e inclusive se unido, como foi relatado anteriormente. Interessante, porém não surpreendente; descendente do primo de seu avô, João Alfredo Correia de Oliveira, contraíram matrimônio com descendente de Antônio da Silva Prado, tio-avô de Caio Prado Jr. João Alfredo conheceu Antônio Prado quando fora presidente da Província de São Paulo. Na época do Império, um cargo de presidente de província era comum na carreira da oligarquia - e da elite burocrática - brasileira. O primeiro contato entre os dois intelectuais, portanto, foi familiar e por conta da própria origem oligárquica de suas famílias.

Apesar dos quinze anos de diferença nas idades, ambos os pensadores possuem semelhanças nas suas formações primárias, universitárias, políticas e intelectuais. Talvez a maior diferença entre eles está no fato de estarem em locais opostos quanto à importância econômica no Brasil do século XX: enquanto Manuel é tributário de uma posição advinda de uma outrora economia pujante - a economia açucareira -, por sua vez Caio Prado pôde ainda usufruir de uma posição econômica e financeira advinda da economia do Café, que mesmo entrando num momento de diminuição, ainda era vantajosa.

De certa maneira, a História e a Geografia, campos tão caros aos dois, explica também a posição de ambos no cenário intelectual brasileiro. Por mais que Manuel se veja como um aluno de Caio Prado, não faz sentido que Manuel não apareça em nenhum dos principais livros dedicados aos chamados Intérpretes do Brasil; por exemplo, nem no livro “Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados”, organizado por Bernardo Pericás, em 2014, Manuel recebe uma menção.

De todo modo, é notável as aproximações de ambos. Para além do fato de terem nascido no seio de famílias ligadas à economia de exportação, os jovens intelectuais entraram nas tradicionais – e irmãs, sendo as duas faculdades originais de Direito fundadas por D. Pedro I em 1827 – faculdades de Direitos de São Paulo e Recife; e posteriormente, cursaram Geografia e História, em cursos recém fundados. Uma outra diferença entre os dois pode ser notada aqui, no fato de que Manuel também segue uma carreira de professor do ensino secundário por muitos anos, inclusive com produção de material didático, enquanto Caio Prado segue mais rapidamente uma carreira de produção de nível acadêmico.

Ainda, ambos intelectuais possuem uma atração pelo mundo do trabalho – e da economia, conseqüentemente –, e buscam o contato com a realidade do trabalhador. O mundo rural e o mundo urbano é presente na vida dos dois. Talvez justamente essa característica tenha

os instigado a conhecer o Brasil de forma mais ampla, tanto na perspectiva geográfica quanto histórica. Manuel, por um lado, se aprofundou na análise da noção sócio-geográfica do “Nordeste”, também estudando questões mais amplas do Brasil. Caio Prado partiu desde o início com uma análise marxista da História do Brasil, aprofundando posteriormente temas como reforma agrária, um ponto de debates com Manuel.

A experiência com o marxismo também aproxima nossos dois objetos de estudo; ao contrário de Caio Prado, Manuel teve acesso à literatura marxista na Faculdade de Direito, algo que não foi possível para Caio Prado, pois quando começou seus estudos superiores, a bibliografia marxista ainda não estava disponível no Brasil. No entanto, ambos abraçam os escritos marxistas desde cedo. A experiência comunista é comum aos dois, porém é muito mais duradoura e marcante para Caio Prado. Ainda, Caio Prado sofre mais perseguição política, sendo preso diversas vezes, e de modo mais duro nas ditaduras de Vargas e do regime militar.

Ainda nas semelhanças, a França serve de ponto em comum para os exílios de ambos após serem presos. Geógrafos e Historiadores franceses com certeza são pontos orientadores para a formação e pesquisa dos dois intelectuais. Interessante notar como Monbeig está presente na vida de ambos, de forma bem próxima, porém em momentos bem distintos.

Na questão da produção acadêmica e intelectual, Caio Prado pôde usufruir da posição e da fortuna da família para criar a Editora e a Revista Brasiliense, e a gráfica Urupês, para dar vazão a suas obras e apoio à publicação de colegas e amigos, inclusive Manuel Correia. Por outro lado, Manuel não tinha posição financeira tão confortável, e teve de contar com a posição de professor universitário para poder desenvolver pesquisas e divulgar publicações, como quando liderou a CEHIBRA da Fundação Joaquim Nabuco, e a Cátedra Gilberto Freyre.

Finalmente, os dois intérpretes do Brasil se reencontram novamente por meio de seus acervos e bibliotecas, ambas sob custódia e cuidados do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

3.2. As correspondências

Em seu depoimento a Rita de Cássia, Manuel afirma que o primeiro contato entre ele e Caio Prado Jr. foi por meio de uma carta, escrita em 1943. Paulo Iumatti teve a oportunidade de corrigir esse equívoco de memória, quando Manuel foi entrevistado em 2003, pois tal carta está no acervo de Caio Prado Jr., sob os cuidados do IEB/USP, e foi escrita em 1945. O objetivo dessa missiva, conforme diz Manuel, era enviar a Caio Prado Jr. um artigo-resposta a um artigo de deste sobre uma proposta de reforma agrária com divisão de propriedades. Manuel não concordou, e defendeu uma reforma que levasse em conta os aspectos sociais-econômicos de cada região. A resposta de Caio Prado Jr. (a qual ainda não foi encontrada no acervo de Manuel Correia de Andrade) foi de 4 páginas, compreendendo o ponto de Manuel.

Em 1946, conforme já foi relatado acima, Manuel viaja a São Paulo para tentar um cargo

na promotoria no Estado. O seu contato em São Paulo, José Tavares Miranda, o leva para o escritório de Caio Prado Jr., literalmente do outro lado da rua do apartamento de Miranda. Uma vez lá, Caio Prado Jr. o cumprimenta e confirma que lembra da correspondência trocada havia menos de uma ano - o que parece verossímil, e não tanto uma surpresa, como acreditava Manuel, pois este, nos últimos anos de vida pensava que sua carta inicial era de anos antes do encontro.

A partir de então, começam uma relação tanto amigável quanto profissional que dura décadas. Caio Prado Jr. é colocado, por Manuel, como grande influência em suas obras e pensamentos, em diversas entrevistas e em diversos momentos da vida. Caio Prado, sem dúvida, foi um grande incentivador de um geógrafo e historiador iniciante, colocando-se presente para dialogar com Manuel, e, muito importante no contexto de meados do século XX no Brasil, como divulgador das obras de Manuel, por meio de sua editora Brasiliense. Por meio de Caio Prado, Manuel teve um fundamental canal de divulgação de diversas de suas obras, muitas delas inclusive sendo encomendadas por Caio Prado Jr., como o conhecido *A Terra e o Homem no Nordeste*.

Numa análise mais objetiva das cartas, é preciso em primeiro lugar observar que tivemos acesso somente a um dos lados da relação, que são as cartas recebidas de autoria de Manuel Correia. Ainda não foi possível consultar as respostas e correspondências de autoria de Caio Prado Júnior.

De todo modo, é possível verificar o contato inicial e o desenvolvimento da amizade pessoal, profissional e intelectual dos dois autores. A deferência e a consideração de Manuel para com Caio Prado é visível na maioria das cartas. Por outro lado, o respeito e apoio de Caio para Manuel também sempre é notável.

O primeiro contato, na carta de 24 de fevereiro de 1945, é de um admirador a um “mestre”. Manuel Correia de Andrade se apresenta a Caio Prado Júnior, colocando-o no mesmo patamar de Gilberto Freyre, um dos intelectuais mais prestigiados da época. A carta é cheia de respeito e admiração, e Correia faz questão de justificar sua reverência, citando obras específicas de Caio Prado, como “Evolução Política do Brasil” e seus artigos na revista “Geografia”.

Podemos dizer que esse primeiro contato não é apenas um elogio, mas também uma oportunidade para um debate intelectual. Manuel anexa um artigo de sua autoria, publicado em junho de 1944, no qual discorda respeitosamente da tese de Caio Prado sobre a organização de pequenas propriedades no Nordeste. Essa discordância, porém, é seguida de uma satisfação ao notar que o próprio Caio Prado, em “Formação do Brasil Contemporâneo”, já havia revisado sua posição, o que reforça o sentimento de conexão e alinhamento intelectual. Importante notar que essa iniciativa de Manuel revela uma postura de intelectual que não se limita a admirar, mas busca o diálogo e a construção de um pensamento próprio, mesmo diante de um “mestre”.

A partir de então, podemos observar o desenvolvimento de uma parceria intelectual. Mesmo sem as respostas de Caio Prado, é visível que a admiração torna-se recíproca, ao longo

das décadas de 1950 e 1960. Eles passam a trocar ideias, sugerir temas de trabalhos e pesquisas; e num tom muito próximo e informal, tentam ajudar-se mutuamente em questões práticas. Já em 1946, o bilhete de março mostra uma relação mais pessoal. Manuel enviou uma Revista Região com um artigo seu, indicando que a troca de publicações tornaria-se um hábito. Algo sempre presente nos bilhetes de Manuel seriam os pedidos de visita de Caio Prado a ele e ao Nordeste.

Em 1957, uma carta demonstra que a troca de publicações realmente ocorria de ambos os lados. Em carta de 1961, Manuel aponta que Caio Prado o estimula a escrever com palavras de apoio – muito provavelmente mais do que isso. O principal nesta carta é a referência à sugestão de Caio Prado a Manuel para escrever uma obra sobre “relações de trabalho no Nordeste”, o que provavelmente foi o embrião para a obra fundamental de Manuel, “A Terra e o Homem no Nordeste”. Nesse momento, a relação de colaboração ativa está mais do que cimentada.

Ainda em 1962, a correspondência mostra a continuação do encontro dos dois no famoso encontro da AGB em Penedo, Alagoas. Manuel procura ser o intermediário entre Caio Prado e aspectos práticos e logísticos em viagens de campo planejadas por Caio.

Já a partir de 1963, para além da relação profissional, cresce a relação pessoal, com maior número de referências de Manuel aos familiares de Caio Prado, como seu filho Caio Graco e sua esposa Nena, além do amigo pessoal Elias – provavelmente Elias Pacheco Chaves, com quem Caio tinha enorme proximidade. Em 1964, Manuel agradece a recepção de Caio e família em Jurupava (ou Jurupará) em São Paulo, no que deve ter sido a visita quando Manuel conheceu descendentes da união das famílias de ambos, relatada acima. Ainda, podemos ver que Manuel enviou trabalhos para serem publicados pela Revista Brasiliense, que em breve seria fechada pela ditadura.

Apesar da Revista ter sido censurada pela ditadura, Caio Prado continuou com a Editora, e em agosto de 1966, Manuel envia ilustrações para o seu livro a ser publicado, “Paisagens do Brasil”, que foi enfim impresso com o título “Paisagens e problemas do Brasil: aspectos da vida rural brasileira frente à industrialização e ao crescimento econômico”, em 1968. Ainda em 1966, em outra carta, respondendo a pedido de Caio sobre a indicação de um advogado, Manuel aproveita para enviar ainda mais trabalhos para leitura e análise.

Em 1967, em duas diferentes e mais longas cartas, Manuel agradece pelo envio de volume do “Revolução Brasileira” e como foi bem recebido nos círculos acadêmicos de Recife, tanto que estava constantemente em falta nas livrarias. Caio Prado, em sua resposta que ainda não temos acesso, deve ter perguntado e solicitado informações sobre grupos empresariais pernambucanos da industrialização do Estado. Manuel lista diversas famílias e seus conglomerados. E num momento de insegurança intelectual, pede “franqueza” e “sinceridade” entre amigos a fim de falar sobre seu último livro enviado para a Editora, e que até então não houvera devolutiva. Na carta seguinte do mesmo ano, depois de complementar as informações sobre os grupos empresariais pernambucanos, agradece a devolutiva sobre seu livro, que não cita

o nome, mas pelo ano, deve ter sido a obra “Paisagens e problemas do Brasil”, que foi de fato publicada em 1968.

Nas últimas cartas de 1967, temos a única carta de Caio Prado analisada, na qual pede a Manuel que o representasse na formatura da primeira turma de Sociologia e Política da Universidade de Pernambuco, pois não poderia estar ali presente. Ato contínuo, Manuel o escreve relatando o sucesso da formatura e o avisando de novas viagens ao exterior para conferências.

Depois de 1967, não temos mais correspondências nos anos seguintes, a não ser uma última carta de Manuel, de 1982, onde comenta a publicação de livro resenha da obra de Caio Prado, escrito por Francisco Iglesias. Avisa, ainda que irá passar em São Paulo para exames médicos, quando provavelmente também se encontrariam.

Muito estranho esse grande hiato de correspondência entre os agora dois amigos, pois não deve ter parado de ser contatar. No entanto, o período corresponde ao aumento de perseguição política sofrido por Caio Prado durante o endurecimento da ditadura. Como dito acima, ele seria preso logo após o AI-5, sendo solto em 1971, e após isso, lentamente se retiraria do cenário público.

4. CONCLUSÃO

A relação entre Manuel Correia de Andrade e Caio Prado Júnior, analisada por meio de suas correspondências, revela uma ligação que vai além das meras trocas epistolares, influenciando suas interpretações e representações sobre o Brasil. Apesar de uma diferença de idade de quinze anos e de origens social e geográfica distintas — com Manuel proveniente de uma oligarquia regional de Pernambuco, vinculada à economia do açúcar, e Caio inserido em uma elite paulista associada ao café — ambos encontraram pontos de convergência no diálogo intelectual que desenvolveram ao longo do tempo.

Essas diferenças vitalícias e sociais moldaram suas perspectivas iniciais, as referências empregadas e seus enfoques na análise do país, mas, ao interagirem, tiveram a oportunidade de ampliar e aprofundar suas interpretações. Com a diferença de idade, foi natural que o contato inicial se desse de forma hierarquizada, com Manuel se referindo a Caio Prado como “mestre”, mas o tempo aproximou os dois intelectuais, por meio da amizade, do interesse comum no Brasil, e pelo fato de que Caio Prado era um centro agregador de debates, por meio da Editora Brasiliense.

A origem social e geográfica de cada um influenciou suas trajetórias acadêmicas e intelectuais, com Manuel, por exemplo, tendo acesso às literaturas marxistas na faculdade de Direito e tendo uma trajetória de docente no ensino secundário, enquanto Caio, com uma situação financeira mais consolidada, conseguiu ir além do espaço acadêmico, desenvolvendo uma militância política longa e coerente. Essa diversidade de experiências, ao mesmo tempo em que poderia gerar diferenças conceituais, ao contrário possibilitou um diálogo que promoveu troca de referências e reflexões, que provavelmente influenciaram a construção de suas concepções sobre o Brasil. A convivência com temas ligados à realidade do trabalhador, ao mundo rural e urbano, foi uma constante que ambos compartilharam, influenciando suas interpretações e fortalecendo o caráter crítico de suas análises.

Nesse sentido, a relação entre os dois intelectuais contribuiu para ampliar o entendimento do Brasil sob diferentes perspectivas, integrando a análise marxista – ferramenta comum a ambos – com suas experiências socialmente e regionalmente influenciadas. A troca epistolar, portanto, não somente reforçou suas trajetórias individuais como também atuou como um catalisador para a construção de uma compreensão mais pluralista e ajustada às complexidades do país. Essa interação, marcada por diferenças e semelhanças de origem, aprofundou suas interpretações sobre o Brasil, deixando uma influência duradoura na historiografia e na geografia brasileiras.

Nas correspondências, apesar de ainda não contarmos com as palavras de Caio Prado, as falas de Manuel Correia nos permitem visualizar a visão de Caio como um intelectual que pretendia buscar uma compreensão mais profunda do país, ao buscar e propor análises a Manuel

sobre o Nordeste e seus problemas. O início do relacionamento, em 1945, também nos mostra que o pensamento de Caio Prado não era dogmático, revisando suas ideias frente a novas evidências e novos debates, como proposto por Manuel. Ainda, podemos ver que Caio Prado, no seu papel de intelectual consolidado e de carreira coerente, na posição de editor, se mantinha como um “mentor” e apoiador de novos pensadores e obras.

Manuel, por sua vez, por meio de suas cartas, nos mostra como sua trajetória está entrelaçada com o pensamento de Caio Prado, porém com sua perspectiva única, de visão aprofundada de sua terra – aqui podemos pensar tanto em Pernambuco como no Nordeste. À sua maneira, Manuel também era um intelectual engajado, pois manteve sua prolífica produção com trabalhos de docente, inicialmente no secundário, depois no curso superior, além de participar de iniciativas como o GEPA, no governo Arraes, e nos núcleos de pesquisa na Fundação Nabuco e na Cátedra Gilberto Freyre.

Essa tentativa de análise da relação entre esses dois grandes nomes da interpretação do Brasil, por meio da troca de correspondência – ainda que limitada, por ora –, pode mostrar como essa relação foi uma ponte fundamental entre o pensamento crítico do Sudeste e a busca pela análise da realidade do Nordeste. Teve um início como mestre e admirador, mas amadureceu como uma relação recíproca de troca de ideias sobre o Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- ANDRADE, Thais de Lourdes Correia de. **Vida e Obra de Manuel Correia de Andrade: Caminhos percorridos na Geografia Contribuições aos estudos regionais e ambientais**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP: São Paulo, 2018.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de (Org.) **O fio e a trama: depoimento de Manuel Correia de Andrade**. Recife: Ed. UFPE, 2002.
- BARROS, Rafael Aubert de Araújo. **As Hipóteses de Manuel Correia de Andrade: Contribuições à História Econômica do Nordeste Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP: São Paulo, 2019.
- D'INCAO, Maria Angela (org.). **História e Ideal: Ensaio sobre Caio Prado Júnior**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- IGLESIAS, Francisco. **Caio Prado Júnior: história**. São Paulo: Ática, 1982.
- INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS. **Seminário “O Brasil de Manuel Correia de Andrade: interpretações, diálogos e acervos**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/HLEgzufftag?si=o1TtFuTfhFF-Y77L> . Acesso em 22.12.2023.
- IUMATTI, Paulo. **Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- IUMATTI, Paulo (org.). **Caio Prado e a Associação Dos Geógrafos Brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2008.
- LIMA, Marcos Costa. **Homenagem a Manuel Correia de Andrade: A geografia e a política do Nordeste Brasileiro**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 22, n. 65, 2007.
- MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo et al. **Anais do Seminário Nacional A Terra e o Homem: centenário de Manuel Correia de Andrade 1922-2022**. Recife: UFRPE, 2022.
- MARINO, Leonardo F. **Manuel Correia de Andrade: um geógrafo voltado para as causas sociais**. Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, vol.1, Editora & Letras, 2014, p.101-118.
- MARQUES, Marta. I. M. **Caio Prado Júnior e Manuel Correia de Andrade: a formação social e territorial brasileira, o Nordeste e a questão agrária (lições de método)**. Geosp, v. 28, n. 3, e230310. 2024.
- PELUSO Júnior, Victor et al. **Entrevista com o Professor Manuel Correia de Andrade**. In: Geosul, Florianópolis, n. 12/13, 1991.
- PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). **Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caio Prado Júnior: uma biografia política**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- RICUPERO, Bernardo. **Sete lições sobre as interpretações do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2008.

ROCHA, Gerlane Gomes da e GOMES, Rodrigo Dutra. **Dialogando sobre a vida e obra de Manuel Correia de Andrade**: Entrevista com Thais de Lourdes Correia de Andrade. In: Geosul, Florianópolis, v. 37, n. 82, p. 324-341, mai./ago. 2022a.

_____. **Entre o geopolítico e o regional**: o pensamento geográfico de Manuel Correia de Andrade. In: Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul V. III, No. 3, 2022.

SANTIAGO, João Phelipe. **“A Terra e o Homem no Nordeste”, um clássico da Geografia Regional sobre a questão agrária**. In: Revista Mutirão. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul V. III, No. 3, 2022.

SECCO, Lincoln Ferreira. **Caio Prado Júnior**: o sentido da revolução. São Paulo: Boitempo, 2008.

APÊNDICE A – Relação das correspondências consultadas

Referência IEB	Tipo	Descrição	Data
CPJ-CP-AND001	Carta datilografada	Primeira carta de MCA a CPJ, enviando um artigo sobre questão agrária, em discordância de um ponto defendido por CPJ	24/02/1945
CPJ-CP-AND002	Recorte de jornal/artigo	Artigo-resposta a CPJ sobre latifúndio, monocultura, fome e miséria, propondo como solução cooperativas	Junho/1944
CPJ-CP-AND004	Cartão de visita/bilhete	Bilhete escrito em um cartão de visitas, avisando do envio do segundo número da Revista “Região”	06/03/1946
CPJ-CP-AND006	Cartão de visita/bilhete	Aviso sobre recebimento de livro e comentário sobre pesquisa da Guerra dos Cabanos	25/08/1957
CPJ-CP-AND007	Cartão de visita/bilhete	Bilhete escrito em cartão de visitas expressando admiração a CPJ	09/05/1961
CPJ-CP-AND008	Carta manuscrita	Carta de 2 páginas, fazendo referência a uma carta enviada por CPJ, e comentário sobre acatar sugestão de CPJ sobre tema de livro (relações de trabalho no NE)	21/05/1961
CPJ-CP-AND009	Carta Manuscrita	Carta de 2 páginas, onde pede sugestões para uma exposição do Museu de Açúcar; pergunta se deseja participar de viagem de campo da SUDENE no Maranhão; e pergunta sobre ilustrações referentes a livro seu	17/08/1962
CPJ-CP-AND010	Carta Manuscrita	Carta de 1 página, fazendo referência a Decreto de Miguel Arraes (não está em anexo) que cria o GEPA e pedindo sugestões; perguntando sobre livro enviado para CPJ	21/02/1963
CPJ-CP-AND011	Carta Manuscrita	Carta de 2 páginas agradecendo acolhida em SP; referência a texto de conferência sobre “A questão agrária em Pernambuco” (não está anexa) para publicar na Revista Brasiliense”; informando sobre trabalho no governo Arraes para crédito a pequenos produtores, sobre forte chuva no NE e trabalhos do GEPA	07/02/1964
CPJ-CP-AND012	Carta manuscrita	Carta de 2 páginas avisando que não terminará livro encomendado no prazo, pois irá trabalhar com Pierre Monbeig na França. Agradece pela 2ª edição de Terra e Homem no NE, e pergunta como está a situação em SP (referência ao golpe)	21/10/1964
CPJ-CP-AND013	Carta manuscrita	Carta de 1 página, agradecendo a última carta de CPJ sobre as enchentes no NE, e perguntando opinião sobre ilustrações para o livro “Paisagens do Brasil”	07/08/1966
CPJ-CP-AND014	Carta manuscrita	Carta de 2 páginas, informando que vida se normaliza (quanto a cheias e concurso), responde a pedido de CPJ sobre indicação de advogado em Recife, e envia 3 trabalhos publicados para leitura de CPJ	10/10/1966
CPJ-CP-AND015	Carta manuscrita	Carta de 4 páginas, comentando repercussão de “A Revolução Brasileira” em PE, listagem de grupos empresariais no NE; pergunta sobre andamento de publicação sua pela Brasiliense, visto momento de dificuldade na Ditadura	21/01/1967
CPJ-CP-AND016	Carta manuscrita	Carta de 2 páginas, complementando informações sobre grupos empresariais do NE, aviso de que vai ao Peru participar de conferência sobre regiões áridas	07/02/1967

CPJ-CA040	Carta Datilografada	Carta de CPJ pedindo que MCA o represente em colação de grau, além de comentar sobre o andamento da publicação de seu livro	07/12/1967
CPJ-CP-AND017	Carta manuscrita	Carta de 1 página, avisando sobre a realização da colação de grau na qual representou CPJ, e aviso de viagem aos EUA, e pergunta se CPJ voltará ao NE	23/12/1967
CPJ-CP-AND018	Carta manuscrita	Carta de 1 página, comentando biografia de CPJ organizada por Francisco Iglesias, e remetendo sua resenha do livro (não está anexa), e avisando que vai a SP para exames médicos.	10/09/1982

ANEXO A – Transcrição das Correspondências

CPJ-CP-AND001

Carta Datilografada

Torre, 24 de fevereiro de 1945.

Caro sr. Caio Prado Júnior

Cordiais saudações

Há muito que o considero, ao lado de Gilberto Freyre, como os dois maiores mestres em assuntos referentes aos problemas histórico-sociais do nosso país. Se assim procedia, não era por ouvir dizer, para seguir as palavras de intelectuais de prestígio, mas por conhecer a grande obra do Gilberto e os seus interessantíssimos trabalhos, como “Evolução Política do Brasil” e os substanciosos artigos publicados em 1935, na Revista “Geografia”.

O ano passado, ao ler em Rumo, o seu artigo sobre a solução do problema humano no Brasil, discordei em parte da solução apresentada pelo sr e, apesar de reconhecer a minha pequenês intelectual, ante a sua grandeza, resolvi escrever o artigo que lhe remeto, junto a esta, publicado na Folha Paulista, em junho de 1944, no qual afirmo não considerar promissora a organização de pequenas propriedades, como o sr. sugeria para o Brasil, no Nordeste, apresentando as razões que deram base a minha opinião.

Aliás, no início do mês corrente, ao ler Formação do Brasil Contemporâneo, livro que muito me empolgou e acho que atravessara os tempos como uma das bases do estudo de nossa história, fiquei satisfeítíssimo ao encontrar uma afirmativa sua, se não me engano, de que a pequena propriedade não é de emprego satisfatório nas regiões tropicais, vindo assim coincidir com minha opinião.

Como já tomei muito de seu precioso tempo, aqui termino, apresentando os mais sinceros protestos de estima e admiração.

Se algum dia me escrever o endereço é o seguinte; Manuel Correia de Andrade – Rua José de Holanda, n. 442 Torre, Recife, Pernambuco.

De que o tem como verdadeiro mestre,
(assinatura)

Recorte de artigo de Jornal, anexado à carta acima, por ela referenciada

Junho de 1944

Em torno da solução do problema humano no Brasil

Em interessante trabalho publicado em RUMO, CAIO PRADO Júnior chamou-nos a atenção para o problema humano no Brasil que, como diz êle, está sendo relegado à um plano secundário em benefício de outros problemas também importantes, mas só podem ser solucionados após o desaparecimento daquele.

O ilustre historiador pátrio nos mostra que o problema humano é o básico pois, como poderemos constituir uma nação forte industrial, política ou militarmente, se não possuímos como base o homem sadio de corpo e espírito?

Realmente, não conheço as condições do trabalhador sulista, mas no nordeste, onde a notável assistência do Ministério do Trabalho, infelizmente, só se fez sentir nos centros populosos, ainda o problema é crucial. Apesar dos trabalhadores urbanos receberem uma assistência relativamente desenvolvida, os trabalhadores rurais vivem como verdadeiros animais, tal como viviam antes da revolução de 1930. Mal alimentados, mal vestidos, sem a menor educação ou assistência social, devorados pela verminose, pela malária e pela schistosoma. Vivem a mercê da natureza.

Que é necessário para solucionar o problema? Criar escolas, melhorar a alimentação, elevar o poder aquisitivo da população, tudo enfim.

E, como consegui-lo? O nordeste sempre foi latifundiário. As antigas sesmarias que vinham se subdividindo, mal chegaram a um tamanho médio de propriedade – o banguê – foram logo premidas pelo surto industrial – a fundação de usinas – e se aglomeraram em mãos de alguns capitalistas ou sociedades anônimas como já salientou o grande mestre GILBERTO FREYRE em seu magistral livro NORDESTE. Aglomerações estas que se tornaram mais intensas à proporção que se desenvolvia a indústria, porque a agricultura continuava a ser feita como sempre fora, trazendo como consequência a expansão dos partidos de cana em sentido horizontal – já que não se desenvolviam no vertical, impelidos pela técnica agrícola – para satisfazer as máquinas que cada vez eram mais aperfeiçoadas.

Ora, como consequência natural do latifúndio vem a monocultura com todo seu cortejo de deficiências. A monocultura agora, como nos tempos coloniais, acarreta a falta de alimentos

indispensáveis e conseqüentemente a deficiência eugênica da população. Se há pouco alimento, este sobre a preços astronômicos e a massa da população passará fome e se tornará fraca e deficiente para o trabalho.

Como se pôde solucionar o problema?

Segundo CAIO PRADO Júnior pela subdivisão dos latifúndios em pequenas propriedades, as quais seriam, naturalmente, cultivadas por lavradores proprietários.

Mas os terrenos do nordeste necessitam beneficiamento antes das plantações, pois a terra só fornece uma produção compensador com irrigações e adubos. E tudo isto custa dinheiro. O pequeno proprietário não possuirá o suficiente para fazer represas e canais de irrigação. Além disso, se adotada a proposta acima, caíra o nível cultural das populações do interior, porque o pequeno proprietário não disporá de meios para educar os seus filhos nas cidades mais adiantadas. Seriam satisfatórios os resultados? Julgo que, para o nordeste seria mais interessante a organização de grandes propriedades pertencentes à cooperativas, porque poder-se-iam desenvolver a agricultura e a indústria em larga escala e em benefício da população. Ao mesmo tempo, com a reunião dos lavradores cooperativistas na sede da usina, ou fazendo cooperativa, forma-se-ia uma aglomeração com relativa densidade demográfica onde poderiam funcionar ginásios, ou mesmo colégios, elevando conseqüentemente o nível cultural da população. Nestas usinas porém deveriam ser cultivados os vegetais necessários ao alimento do pessoal da mesma, além de continuar a ser intensificada a produção destinada à exportação.

Assim estaria penso eu, resolvido o problema humano, porque o lucro obtido com o produto exportado daria o suficiente para uma assistência médio-dentária, social e cultural das populações pertencentes a cada cooperativa, enquanto ao lado deste produto se desenvolveria a cultura de outros vegetais e a criação do gado necessários ao abastecimento da cooperativa. Então, bem alimentadas e educadas às populações rurais, estaria em grande parte, resolvido o problema humano no Brasil.

M. Correia de Andrade

Faculdade de Direito

Recife

CPJ MCA AND004

Bilhete manuscrito em cartão de visitas

(verso)

Recife, 6 – 3 – 46

Caro Caio – Saudações

Com este lhe envio o 2º número de Região, onde sai um artigo meu.

Espero que não esqueça de vir fazer suas pesquisas aqui

(anverso)

como me disse que pretendia fazer e me ponho mais uma vez a sua disposição para o que necessitar daqui.

Sem mais um abraço do Manuel Correia

Rua José de Holanda, 442, Torre

CPJ MCA AND006

Bilhete manuscrito em cartão de visitas

(verso)

Recife, 25 de agosto de 1957

Prezado Sr. Caio Prado Júnior

Acuso, agradecido o recebimento do teu “Teoria Econômica” o qual vou ler com grande interesse, como tenho feito, com todas as tuas obras, desde 1935.

Estou trabalhando, faz algum tempo, num estudo sobre a guerra dos Cabanos que se esten-

(anverso)

deu, em Pernambuco e Alagôas, de 1832 a 1836. Constitui a meu ver uma revolução semelhante a Cabanagem do Pará e a Balaiada do Maranhão.

Sem mais, disponha no Recife, do admirador

Manuel Correia de Andrade

CPJ MCA AND007

Bilhete manuscrito em cartão de visitas

Ao historiador e economista Caio Prado Júnior com a maior admiração de
Manuel Correia
Recife, 9 – V – 1961

CPJ MCA AND008

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 21 de maio de 1961

Presado amigo Caio Prado Júnior

Cordiais saudações

Com esta acuso o recebimento de sua carta de 15 do corrente e agradeço as palavras de estímulo que me dirigiu a respeito do trabalho que lhe enviei.

A respeito do estudo se limitar apenas a uma área restrita, quero lhe informar que esta limitação, no espaço, se deu por se tratar de uma tese de concurso. Continuo colhendo dados e realizando pesquisas em outras áreas do Nordeste e espero, no próximo ano, após a realização do concurso, escrever um trabalho mais amplo sobre a pecuária no Nordeste.

Quanto ao estudo que me sugeriu realizasse, sôbre “relações de trabalho no Nordeste” em geral, julgo que com calma poderei realiza-lo. Tenho a respeito do assunto grande número de fichas e nas constantes viagens que venho fazendo ao interior poderei fazer uma série de pesquisas a êste respeito afim de sistematizar um estudo sôbre as “relações de trabalho”. Necessitarei, é claro, de tempo e de uma entidade que publique o trabalho. Mas, lhe asseguro aceito com boa vontade a sugestão que fez e tentarei corresponder a sua confiança iniciando em breve o trabalho que me sugeriu.

Sem mais, aceite os meus sinceros agradecimentos e disponha sempre, no Recife, do amigo e admirador
Manuel Correia

CPJ MCA AND009

Carta manuscrita

Recife, 17 de agosto de 1962

Presado amigo Caio Prado Júnior

Espero que tenha feito boa viagem no seu regresso, faz um mês, de Penêdo para São Paulo, via Salvador e que tenha encontrado bem a todos os seus.

Dois motivos me levam a lhe escrever hoje, o primeiro é um pedido de sugestões que lhe faz o Dr. Fernando Gouvêa, Diretor do Museu do Açúcar a fim de fazer um painel para a exposição do Museu sobre “relações de trabalho”. Disse-me êle que você por ocasião de suas visitas ao Museu em julho fez essa sugestão e que gostaria que você concretizasse a mesma indicando o que deveria conter êste painel.

A segunda é a seguinte: em Penêdo você me disse do desejo que tinha de participar do grupo que irá ao Maranhão observar a área em que SUDENE pretende realizar o seu plano de colonização, pedindo que eu me interessasse para saber se você poderia participar do grupo, mesmo custeando as suas despesas. Conversei sôbre o assunto com o Dr. Evanildo Coelho, Diretor do Plano de Colonização do Maranhão e êle ficou entusiasmado com a possibilidade de sua participação no grupo pedindo que eu lhe informasse que a SUDENE se honraria com a sua presença no mesmo e que você custearia as suas despesas até o Recife, pois daqui para o Maranhão e lá – nos dias que estivermos no campo – a SUDENE custeará todas as despesas. Disse-me não fazer um convite oficial porque não há inauguração (sic) a fazer e não ser oportuno realizar convites oficiais mas se sentiria muito honrado com a sua presença no grupo. Êle que nos acompanhará pretende que a viagem se realize entre 20 de outubro e 5 de novembro, esperando que permaneçamos no campo de 10 a 15 dias, de vez que consta do programa irmos até a serra de Piracambu e visitarmos umas malocas de índios que vivem na mais completa selvageria. Em setembro combinará comigo a data exata da viagem e eu lhe avisarei.

Antes de concluir e atendendo a pergunta que você me formulou em Penêdo informo que a grafia certa da cidade pernambucana é CABROBÓ e não Cabrobró como eu havia posto no meu livro. Falando sôbre o livro, será que ainda há tempo para êle ser lançado êste ano? Pergunto porque algumas pessoas daqui tem me procurado para pedir informações de vez que a campanha política sucessória está agitando o Estado e aumentando as tensões existentes no campo. Pena que eu tenha demorado redigindo e que não haja tempo para êle sair antes do 7 de outubro. Sobre as ilustrações já tomou alguma decisão? Sem mais, ponho-me a sua disposição no Recife e peço que recomende-me aos seus. Abraços do amigo

Manoel Correia

CPJ MCA AND010

Carta manuscrita

Recife, 21 de fevereiro de 1963

Presado amigo Caio Prado Júnior

Saudações

Com esta estou lhe remetendo um exemplar do Decreto do Miguel Arraes criando a GEPA que, como você verá, participará ativamente da política agrária do governo do Arraes. Eu fui nomeado Diretor-Superintendente do mesmo e aguardo a nomeação dos outros dois companheiros de Diretoria para iniciar a nossa ação. Gostaria que você lesse o decreto e me fizesse algumas sugestões.

Gostaria de saber se você recebeu um exemplar do livro o Problema de Abastecimento Alimentar do Recife do qual sou um dos autores e que lhe remeti em janeiro.

Sem mais aqui fica ao seu dispor o amigo

Manuel Correia

CPJ MCA AND011

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 7 de fevereiro de 1964

Presado amigo Caio Prado Júnior

Abraços

Inicialmente quero lhe agradecer em meu nome, no de Lourdinha e no de Thais a magnífica acolhida que nos deu e a oportunidade de que nos proporcionou de conhecer a sua Jurupava (?) e Campos do Jordão. Foi inegavelmente um magnífico dia e uma interessante oportunidade. Com Lourdinha e Thais peço que nos recomende a Sra. Nena.

Junto remeto uma cópia de uma conferência que fiz em Caruaru, em agosto de 1963 sobre “A Questão Agrária em Pernambuco” a fim de que você a publique na Revista Brasiliense, se a julgar de interessa para a revista. Caso contrário pode deixar de publicar a mesma. Pretendo depois escrever um artigo, em continuação a esta conferência, sobre modificações decorrentes da política de governo no meio rural que lhe enviarei, para a Revista Brasiliense publicar, em número posterior.

Aqui vou em grande atividade, mergulhado na campanha de crédito agrícola a pequenos agricultores, no Sertão, que se desenrola com um entusiasmo surpreendente e em proporções que me surpreendem. Chove copiosamente e as estradas no sertão estão quase intransitáveis. O bom inverno porém assegurará crescimento de produção e garantirá o abastecimento da

população na zona da Mata onde o consumo aumentou consideravelmente.

O GEPA já adquiriu as camionetes Rural Willys assegurando assim a nossa viagem ao sul do Piauí, em março próximo, quando o inverno já terá passado e as estradas estarão em melhor estado. Espero que convençam ao Caio Graco de também participar da excursão. Combinados como estamos para a Semana Santa lhe enviarei mais detalhes sobre a viagem quando estivermos mais próximos da mesma.

Sem mais aqui fica a sua disposição o amigo

Manuel Correia

CPJ MCA AND012

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 21 de outubro de 1964

Presado amigo Caio Prado Júnior

Saudações

Acuso agradecido o recebimento de sua conta e fiquei muito satisfeito por saber que a segunda edição do “A Terra e o Homem no Nordeste” está prestes a sair assim como por receber a segunda da Rural Sociology com a resenha sobre o livro. O livro que estou escrevendo sobre o Brasil está bem adiantado, mas não vou poder entregá-lo até dezembro como prometi ao Caio Graco porque, tudo indica, viajarei para a França no próximo dia 8 de novembro onde passarei uns seis meses, trabalhando no Instituto de Altos Estudos para a América Latina, com o Monbeig. Levarei para lá o material do livro em elaboração e ao concluir, lá ou aqui, quando voltar, remeterei os originais para a Brasiliense. Peço que ao sair a 2ª edição de “A Terra e o Homem no Nordeste” envie, se possível, uns dez ou vinte exemplares para mim no Recife - pois a família estará no meu endereço - de vez que vou só para a Europa. Lourdinha só irá ao meu encontro para passar um mês no fim do meu estágio, durante a Primavera. Ao chegar lá e me instalar lhe escreverei porque se você quiser alguma coisa da França (claro que se eu for, pois a viagem ainda depende da autorização do Presidente da República) pode utilizar os meus préstimos.

Aqui as coisas vão se normalizando mas a situação ainda é de certa expectativa. Melhoraram um pouco de julho para cá. E aí, como vão?

Sem mais, envio lembranças de todas e peço que nos recomende a D. Nana, ao Paulo, ao Caio Graco, ao Elias e todos os bons amigos de São Paulo.

Aqui fica o amigo

Manuel

Você continua muito ocupado com a gráfica? E a Revista Brasiliense, quando volta a circular?

Manuel

CPJ MCA AND013

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 07 de agosto de 1966

Presado amigo Caio Prado Júnior

Com esta acuso o recebimento de sua última carta, na qual se solidariza comigo ante o impacto que sofri com as inundações de junho, feitas pelo rio Capibaribe (tive quase um metro d'água dentro de casa) e o recebimento, antes-de-ontem do seu último livro, que estou lendo com a maior atenção e interêsse.

Gostaria de saber se você gostou das ilustrações que lhe enviei para o “Paisagens do Brasil” e de saber, se com elas, êle está em condições de ir a publicação. Espero de você uma opinião sincera pois sabe que gosto da crítica construtiva e que acato muito a sua opinião.

Sem mais aqui fica à sua disposição o amigo

Manuel Correia

CPJ MCA AND014

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 10 de outubro de 1966

Presado amigo Caio

Recebi com atrazo a sua carta de 19 de setembro, desde que você a endereçou à Faculdade de Ciências Econômicas e não a minha residência - Rua Menezes Drummond, no. 215 – como fazia nas vezes anteriores. Quanto ao livro, fico ciente. A minha vida já se normalizou completamente quer no que diz respeito a cheia, quer no que diz respeito ao Concurso, pois já fui nomeado e empossado. Li o seu livro, forte e realista, o qual vem sendo muito discutido no

Recife por seus amigos e admiradores, bastante numerosos, como sabe.

Quanto a advogados que me pode indicar, confesso que tenho hoje poucos contatos nos meios forenses mas conversei com Alberico Pôrto que foi meu colega de turma e que é homem sério e criterioso, em quem se pode confiar, e êle me disse que poderia acionar o seu devedor caso você enviasse procuração e as informações e documentos necessários à ação. Seu endereço é Rua Cardeal Arcoverde, 191 Recife - Pe. Creio que êle atenderá bem ao seu desejo.

Sem mais envio três trabalhos meus recentemente publicados, embora escritos como verá em 1963 e 1964. Um deles é a comunicação que apresentei ao Colóquio Internacional sôbre o Cooperativismo e o Desenvolvimento Rural, realizado em Tel Aviv, Israel em março de 1965 e posteriormente publicado em Paris na revista Sociologie de la Cooperation.

Sem mais peço que me recomende aos seus a que me disponho sempre no Recife do

Manuel Correia

CPJ MCA AND015

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 21 de janeiro de 1967

Presado amigo Caio

Um grande abraço e os meus parabéns pela bela viagem que empreendeu em novembro e dezembro ao Peru e Bolívia onde deve ter visto coisas maravilhosas, quer do ponto paisagístico que da multiplicidade de problemas humanos referente a área que percorreu. Fico assim ansioso por ler o seu novo livro, ainda em elaboração, da mesma forma que li o A Revolução Brasileira que teve a gentileza de me remeter. Livro aliás que foi bem vendido no Recife e que tem suscitado uma série de discussões entre os estudiosos de ciencias (sic) sociais e de problemas brasileiros, daqui. Pena que o serviço de distribuição da Brasiliense não esteja funcionando bem aqui e que os seus livros estejam constantemente em falta nas livrarias, de vez que estes só fazem pedidos para S. Paulo quando não possuem mais exemplares em estoque. Como a demora de uma remessa leva de 15 a 30 dias os livros estão frequentemente em falta.

Quanto aos grupos empresariais pernambucanos, ou melhor nordestinos tiveram um grande papel na industrialização aqui ocorrida nos fins do século passado e início deste, sobretudo nos setores tecidos e açúcar. Assim com o fracasso dos engenhos centrais de companhias estrangeiras, surgiram as usinas de propriedade de nacionais quase sempre ligado aos velhos

troncos, como:

- 1) os Ribeiro Coutinho, na Paraíba, inicialmente liderados pelos irmãos João (Ursulo?) e Flavio, que ainda hoje têm em poder de seus descendentes 4 das 7 usinas da Paraíba e 2 das 3 do Rio Grande do Norte.
- 2) os Pessoa de Queiros, sobrinhos do Presidente Eptácio que se dedicaram ao comércio e indústria têxtil (João), as usinas de açúcar (José) e a jornais, rádios (sic) e TV (Francisco)
- 3) os Costa Azevedo que desenvolveram graças a Antônio, conhecido como Tenente a maior usina de açúcar do Estado (a Catende) e que possuem ainda várias usinas como Barra, Piranjá, etc.
- 4) os Bezerra de Melo (Oton Lynch) que (ilegível) do comércio de importação de tecidos (ilegível) indústria textil (fábrica de Macacheira) e de açúcar (Usinas Central Barreiras e Sto André em Pernambuco e Santana em Alagoas) e a indústria hoteleira no sul do país.
- 5) o grupo Mendes Lima, continuado por Batista da Silva que explorou comércio, tecidos (ilegível) e usinas de açúcar (Trapiche) investindo hoje muito em comércio a retalho (Mercadinhos Compre Bem)
- 6) Bandeira de Melo (hoje em decadência) mas que controlou várias usinas do Estado nas décadas de 1920-50;
- 7) Belmiro Gouveia, mesmo pobre e de origem ilegítima do Ceará que enriqueceu no Recife, com o comércio de exportação de peles e que foi o primeiro a explorar a energia de Paulo Afonso, fundando no começo do século a Fábrica de Tecidos de Padre em Alagoas;
- 8) as famílias Peixoto e Gonçalves em Penedo, Alagoas e Neópolis, Sergipe com fábricas de tecidos e exportação de algodão.
- 9) os Lundgreen, de origem sueca mas radicados em Pernambuco desde os meados do século passado fundadores do parque industrial de Paulista e proprietários das Lojas Pernambucanas, disseminadas por todo o Brasil.

Hoje além da influência destas famílias que excetuada a de Delmiro Gouveia ainda controla a vida econômica do Estado e da Região, salientam-se os Queiros Monteiro, os Sampaio, os Queiroz, os Domedo, os Tavares de Mama (?), os Pessoas de Melo, os Correia de Oliveira, os João Santos (cimento e açúcar), etc. Também José Hermínio de Moraes, pernambucano de velhos troncos, mas paulista como industrial, tem grandes indústrias no Estado (açúcar, cimento, soda-cáustica, etc)

Antes de continuar espero ter em uma relação feita de memória lhe fornecido algumas indicações. Se forem insuficientes pode me formular pergunta mais objetiva, sobre cada setor econômico que lhe remeterei.

Gostaria de saber, caso já tenha idéia quando o meu livro entrará em máquinas ou se você, com a sinceridade que deve haver entre amigos acha que o mesmo tem condições de ser publicado. O fato é que receio que ele o haja desapontado, que não o considere digno de

publicação e que não tenha querido me falar com franquesa (sic), receoso de me magoar. Se o problema for êste e não o das dificuldades de programação de publicações na faze (sic) histórica que atravessamos gostaria que você me falasse com franqueza. Além disto tenho receio que uma grande demora na sua publicação provoque o envelhecimento do mesmo devido os dados estatísticos e a própria evolução da conjuntura nacional.

Sem mais pedindo que me recomende aos seus aqui fica ao amigo as ordens

Manuel Correia

CPJ MCA AND016

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 7 de fevereiro de 1967

Presado amigo Caio Prado

Em resposta a tua carta de 26 de janeiro passo a complementar as informações que enviei na nossa última carta. Podemos afirmar que existe interpenetração entre grupos econômicos ligados ao açúcar e as atividades urbanas. Assim os Ribeiro Coutinho, da Paraíba, além de suas usinas e de suas fazendas de gado possuem o Banco Aliança com influência em todo o país; os Pessoa de Melo, da Usina Aliança tem negócios ligados a venda de tecidos; os Queiroz, das usinas Curanji e Bulhões possuem fábricas de tecelagem de sacos e de estofas em Timbaúba e em Recife; José Hermínio de Moraes tem interesses no Estado em açúcar, cimento e soda cáustica; os Bezerra de Melo tem usina, fábricas de tecidos e hotéis; os Corta Azevêdo além da usina Catandê tem exploração de fosfatos, fábrica de artefatos agrícolas e comércio grossita; os Pessoa de Melo, da Usina Água Branca garentes (?) dos de Aliança, tem interesses em venda de adubos e em siderurgia no Estado; os Brennand inicialmente usineiros, abandonaram o açúcar, dedicando-se a cerâmica - fábrica de azulejos São João da Várzea - e a siderurgia - Aço Norte. Não disponho de dados a respeito da participação destes grupos econômicos nas indústrias que ora se instalam no Nordeste - Willys, Brahma, Antarctica, etc -

graças aos incentivos fiscais conseguidos através da SUDENE. Espero que estas informações lhes sejam úteis e você pode usá-las como lhe convier.

Em abril possivelmente irei ao Peru, a fim de participar de um Colóquio sobre regiões ainda que se realizará em Lima de 4 a 24 de abril, promovido pela União Geográfica Internacional com o apoio da UNESCO. Como convidado da UGI apresentarei uma comunicação sobre a região semi-árida do Nordeste do Brasil e deverei participar de excursões ao Norte do País - possivelmente até as proximidades da fronteira do Equador - ao Sul, até Arequipa e de uma viagem turística a Cusco. É uma belíssima oportunidade que não pretendo perder, já tendo para isto obtido a necessária licença da Universidade, desde que me afastarei no período letivo.

Sem mais, grato pelas suas palavras sobre o meu livro, peço que recomende-me aos seus e que disponha no Recife do amigo

Manuel Correia

CPJ CA040

Carta de CPJ a MCA e Discurso datilografados

7 de dezembro de 1967

Meu caro Manoel Correia:

Você já está informado que fui escolhido para paraninfar a colação de grau da turma 1967 do Curso de Sociologia e Política do Instituto de Ciências Políticas e Sociais. Infelizmente não poderei estar presente ao ato, por motivo de ausência no exterior, coisa aliás que comuniquei já aos paraninfados. Assim mesmo, eles insistem que designe um representante e envie um discurso. Não posso furtar-me a isto, pois a escolha do meu nome para paraninfo me sensibilizou grandemente, e já basta o desaponto (sic) que minha ausência irá causar. Rabisquei assim algumas palavras que lhe peço transmitir aos rapazes. E peço-lhe também representar-me junto a eles. Sei que isso será um encargo aborrecido, mas não senão você a quem me dirigir. Queria desculpar o aborrecimento, e aceitar meus agradecimentos. O meu contacto com a turma é através (sic) de William da Costa Pinheiro, Edifício dos Industriários, Av. Dantas Barreto, 160, s/1612.

Você terá recebido minha última carta em que lhe comunicava a marcha do seu livro. Já

terminou a composição e está em primeiras provas com o revisor.

Abraço-o cordialmente, e mais uma vez com meus agradecimentos.

Discurso anexado

Lamento profundamente não ter tido a possibilidade, por motivos imperiosos, de estar presente, na qualidade de paraninfo, à colação de grau da primeira turma a se formar no Curso de Sociologia e Política do Instituto de Ciências Políticas e Sociais da Universidade de Pernambuco. A escolha de meu nome para paraninfo constitui grande honra, e sobretudo me desvanece. Ela é testemunho, para mim altamente precioso, que minha já longa carreira de escritor dedicado às causas do nosso Brasil e de seu povo, encontrou ressonância na mocidade de meu país. E que o caminho por mim escolhido desde os meus primeiros passos na vida intelectual merece a aprovação de uma parcela altamente representativa de nossa nacionalidade.

Que caminho foi esse, caminho no qual persisto e pretendo seguir até o meu último momento? É centralmente e essencialmente o de buscar na realidade brasileira tal como ela se apresenta, como toda a naturalidade e sem os artifícios de esquemas teóricos sobrepostos toda a inspiração para o pensamento e a ação. Parece simples e intuitivo para quem procura a solução de problemas brasileiros. Mas não é tanto, com o pano de fundo de nossa formação cultural deformante e o pesado lastro de uma cultura alienada que daí resulta. Nós brasileiros somos por tradição já muito antiga, e diria mesmo original, eternos buscadores de modelos estranhos, sempre desconfiados de nossas forças e temerosos de nos afastarmos do já consagrado em outras plagas por autoridades incontestes que submissamente respeitamos. Não vai nisto apenas a natural incerteza e insegurança derivadas de um curto passado e da infância em que ainda se encontra a nossa nacionalidade. Nem resulta tampouco unicamente dos vícios de um colonialismo em que infelizmente ainda hoje estamos tão fundamente enleados, e que do terreno econômico e político transborda também para o cultural. Penso que o temor e a fuga de nossa realidade verdadeira, esta nossa alienação do que constitui a experiência vivida por nós como coletividade com seus caracteres específicos em proveito de padrões estranhos que nos são propostos com o selo de autoridades consagradas penso que isto resulta em última instância de nossa formação filosófica. Somos ainda, no âmago de nossa racionalidade, escolásticos inconscientes. Herdamos isto de nossa mãe pátria portuguesa, esse país que ao contrário do restante da Europa, não teve Renascimento, e prolongou pelos tempos modernos afora o respeito aristotélico dos textos consagrados. Ao livro da vida, temos a tendência de preferirmos sempre o livro da letra de forma. E esquecemos que “ciências” é essencialmente método; que “conhecimento” não é mais que

instrumental necessário para a interpretação de nossa experiência própria e sua utilização com vistas à ação prática. E é isto somente, e não exibição de rígidas Verdades eruditas a serem decoradas e indefinidamente repetidas, ou receituário de fórmulas a serem religiosamente e respeitosamente aplicadas e cumpridas.

Vocês que agora se formam em Ciências sociais tome isto como conselho que lhes dá um mais velho e já experimentado colega. O que vocês aprenderam em seu curso devem considerá-lo e aproveitá-lo como ginástica do pensamento como aparelhamento mental que lhe será concedido a faculdade de abordar e interpretar a realidade brasileira, e nossa experiência coletiva de povo e nacionalidade. É para isto que serviu a aprendizagem que vocês tiveram. Vocês aprenderam a pensar e raciocinar sobre fatos humanos. Voltem-se agora para a vida, para o mundo que o cerca e de que participam, e com a arte de pensar “sociologicamente” isto é, pensar em termos de fato sociais procure equacionar os problemas brasileiros com o material empírico com que se depararem no curso de vossa atividade profissional de pesquisadores.

Mas levem para isto também o entusiasmo de jovens, e o amor pela terra em que nasceram. Sem este idealismo não lhe será possível avançar seriamente no caminho da pesquisa e realização científicas. As simples aspirações de ordem pessoal sejam materiais sejam de renome e notoriedade não são suficientes para despertar as mais vigorosas e profundas energias criadoras do ser humano. Somente o amor pelas causas a que o homem se dedica é capaz de mobilizar e desencadear o conjunto e integridade de seus recursos. Cultivem por isso o vosso idealismo de moços no limiar da vida prática e tenham sempre o Brasil e o seu povo que tanto necessitam do esforço de seus cientistas sociais, como objetivo mais alto e decisivo de vossas atividades e energias. Vocês ganharão com isto, além de satisfação do cumprimento de um dever, a possibilidade de plenamente realizarem a capacidade criadora de que cada um de vocês foi dotado.

Reitero meus agradecimentos pela honrosa escolha de meu nome para paraninfo da turma 1967, e faço os melhores votos pelo sucesso da caminhada de vocês todos pela vida afora.

CPJ MCA AND017

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 23 de dezembro de 1967

Presado amigo Caio Prado

Recebi, faz três dias, a sua carta de 7 do corrente e, com ela a Mensagem a ser lida na

formatura de Sociologia e Política e a incumbência de representá-lo na solenidade, o que fiz ontem com grande alegria para os bacharelandos. Fiquei feliz com a notícia sobre o andamento da impressão do meu livro pois estou ansioso por vê-lo em letra de forma. Muito grato por tudo.

Estou me preparando para viajar aos Estados Unidos onde vou a convite da Universidade da Califórnia realizar conferências em Riverside e em Los Angeles. De lá irei a Universidade de Indiana, onde farei conferência e a New York e Washington. Passarei, de passagem, uma semana no México. Já consegui o visa do Consulado Americano e as passagens, devendo viajar a 10 ou 15 de janeiro.

E você, quando aparece aqui para Recife? Quando pretende retomar os seus contactos diretos com o Nordeste?

Sem mais peço que recomendeme (sic) ao Caio Graco e a D. Nena e que disponha no Recife do admirador e amigo

Manuel Correia

CPJ MCA AND018

Carta manuscrita de MCA a CPJ

Recife, 10/09/82

Presado amigo Caio

Li o livro publicado pela Ática a seu respeito (organizado pelo Francisco Iglesias) e redigi a pequena resenha bibliográfica que lhe remeto anexo. A mesma está sendo enviada à redação da Revista de Economia Política, de cujo Conselho faço parte, com solicitação de publicação. Na próxima semana devo ir a São Paulo a fim de me submeter a exames e talvez ser operado na Clínica do Zerbini. Quando chegar lá lhe darei notícias.

Sem mais pedindo que recomende-me aos seus subscrevo enviando um grande abraço

Manuel Correia